


TRAVESTI Y DOUTORA, EU? A CARÇAÇA TRANS Y A VIDA ACADÊMICA

*TRANS WOMAN AND DOCTOR, ME? THE
TRANS SHELL AND ACADEMIC LIFE*

Manuela Rodrigues Santos  








IFS | manuela.rodrigues@ifs.edu.br

CERRADOS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LITERATURA — UNB



ORGANIZADORES:

-   André Luís Gomes
-  Ana Laura dos Reis Côrrea
-   Joao Vianney Cavalcanti Nuto
-   Paulo Petronilio Correia

CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 34, n. 69, 2025
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



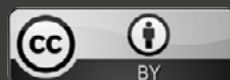
10.26512/cerrados.v34i69.59794

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 25/09/2025

Aceito em: 24/11/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Resumo

Ao entrelaçar memória e poesia de autoria trans, revivo minhas vivências como aluna do programa de pós-graduação em literatura da UnB ao mesmo tempo em que discuto o que significa para as corporalidades trans ocupar esses espaços enquanto sigo me construindo como pesquisadora e como professora. Constituir-me travesti e doutora é atravessado pelas reflexões acerca da importância da representação e da representatividade. Assim, o corpo-político trans parte das contradições e assimetrias do mundo, sentidas na pele para invocar um feitiço: a palavra; uma palavra encarnada que transforma fragilidade em potencialidade no ato da escrita que se constrói ao fundir nossa experiência pessoal e visão de mundo à realidade social em que vivemos, à nossa história, à nossa perspectiva.

Palavras-Chave: Transescrita, vidas trans, representação, representatividade.

Abstract

By intertwining memory and poetry by trans authors, I relive my experiences as a student in the UnB graduate literature program while also discussing what it means for trans corporeality to occupy these spaces as I continue to develop as a researcher and professor. Constituting myself as a trans woman and a doctoral student is permeated by reflections on the importance of representation and representativeness. Thus, the trans political body begins with the contradictions and asymmetries of the world, felt firsthand, to invoke a spell: the word; an embodied word that transforms fragility into potentiality in the act of writing, which is constructed by fusing our personal experience and worldview with the social reality in which we live, our history, and our perspective.

Keywords: Trans writing, trans lives, literary representation, representation.

*“me curo y me armo, estudando. a caneta que sublinha palavras de um livro estudado é a mesma que fura a perna de um agressor y o canivete que rasga a pele é o mesmo que talha o nome de duas pessoas trans dentro de um coração na porta de um banheiro sujo de bar. tudo isso é estudo y esses estudos fazem parte da mutação de uma época. isso se fareja. sigo **estudando** y encaro isso como um momento de cura y de guerra contra o apocalipse branco cis-hétero”.*

Abigail Campos Leal

“Sempre que vem o medo, aquele medão de me tremer as pernas, io solita na madrugada, fico fazendo carinho na cicatriz lembrando tudo o que eu sobrevivi. Viver é tropo perigoso”.

Amara Moira

AoserprovocadaapensarsobreminhastravessiasnoPrograma de Pós-Graduação em Literatura (POSLIT), da Universidade de Brasília, me peguei ruminando como as noções de representação e representatividade ganham contornos outros quando se trata da carcaça trans na academia ou ainda o que significa para um corpo como o meu ocupar esse espaço em uma sociedade que não concebe, ou talvez não queira conceber, uma travesti-doutora.

Meu corpo.

Meu copo de soco.

Um soco que no saco dói.

Não pelo soco.

Nem pelo saco.

Mas pelo caco de certeza.

A certeza que meu corpo,
se declarado por uma palavra,
poderá ir para o saco.
Fala! Fala sem fala,
com fala, com falo!
Deixe que essa palavra nasça.
E assim, mesmo sem certeza,
sua identidade teça: Byxa, Travesty, Mulher,
Preta (?!).
(Ferreira, 2019, p. 47).

As lembranças, então, foram mais além, deslocaram-se lentamente para Poço Verde e a imagem daquela criança viada, pois era assim que ela já era socialmente lida, que brincava de ser professora com suas bonecas ou com suas pedrinhas e estudantes imaginários. Apesar de a escola se transformar em um lugar inóspito e violento para meu corpo, foi lá que encontrei ferramentas para seguir existindo, porque, nesse contexto, defende Abigail Campos Leal, “o saber é força, poder, possibilidade de seguir atravessando o tecido da vi/da [...] porque o acesso ao palavrado do saber dá força para a vida [...] envivecer” (Leal, 2021, p. 304).

Hoje, entendo que o meu gosto pelos estudos se tornou um instrumento potente não só para que eu curasse minhas feridas; mas também para que eu construísse ferramentas para me defender das violências infringidas pelo sistema moderno colonial. “Saberes trans. A arte trans de se curar y se defender” (Leal, 2021, p. 306). E, assim, pude enfrentar o ensino fundamental, o ensino médio, a academia. Seguir estudando para me construir professora, pesquisadora, produtora de saberes... seguir estudando para enfrentar as necropolíticas do Estado que me quer silenciada e morta... seguir estudando “talvez tenha a ver com criar escamas, físicas e identitárias, que nos protejam e nos tragam poder e força em meio a uma sociedade hostil a corpos que fogem e deturpam suas normas opressoras” (Lucas, 2020, p.6).

Se nome é profecia
rompi todas que me enunciaram
rasguei e guardei pedaços
no meio
em espaço quase desimportante
entre o apêndice
e aquela última costela
só para lembrar o caminho
dessa história genética-imagética
verbo(t)rrágica
inventei minha própria profecia do passado
tias, avós aquendadas
inventei
criança sem nome
diana à espera
brincando de drag king
até chegar a hora de engolir a lua
em doses comprimidas diárias
...
Decifro-me
e me devoro.
(Salu, 2023, p. 10)

Nesse processo de decifrar-me e me devorar como carcaça trans na academia, penso na provocação feita por Paul Preciado (2023) em seu *Dysphoria mundi* ao refletir sobre o que significa, numa sociedade como a nossa, ser considerada disfórica ou ainda como se pensar sujeito de conhecimento a partir de um diagnóstico. Convém destacar o caráter paradoxal desse diagnóstico que cria uma posição cujo ato permite que eu seja reconhecida dentro de um contexto democrático e ao mesmo tempo excluída e desautorizada como sujeito de pensamento e de palavra. Para que se possa existir

como sujeito trans, tem que se posicionar em um lugar que é de impossibilidade democrática, “sobretudo em uma pólis que insiste em me distanciar, apagar, limpar, matar” (Lucas, 2020, p. 15).

Entretanto, é desse lugar desautorizado, dessa suposta falha ontológica que as corporalidades trans emergem como lugar de potência política, pois são possibilidades, são devires, portanto, portadores de fala, de pensamento e de episteme. E, nesse entrelugar, articulam subjetividades, produzem afetos, comunidades, linguagens e saberes. “Saber (se) armar, saber viver” (Leal, 2021, p. 304). É justamente nessa fresta que chego ao POSLIT, que, ao me acolher, possibilitou-me pensar saberes trans a partir de um corpo-travesti apaixonado por literatura que compreendia a força da escrita tanto como autorrecuperação quanto como um ato político que coloca o saber ler-e-escrever para funcionar na vida de uma corporalidade entendida como um corpo-erro ou ainda um objeto-corpo sexualizado pelo corpo-falo cisheteropatriarcal.

Ao longo da vida enfrento uma guerra
a cada dia:

Tive algumas vitórias, sofri bastantes derrotas,

Porque sou das poucas pessoas que conhecem

à glória de erguer-se das cinzas.

Sim, carregou muitas cicatrizes, deram-me várias marcas

Assim caminho pelo mundo

Nasci num deserto, aprendi a sentir o cheiro da secura,

O gosto das cinzas,

E o odor da chuva na terra vermelha.

Cresci vagando entre o mar e a capital.

Sou uma cria do mato

Que andou sobre mármore e escalou árvores.

Não sou autossuficiente,
mas com as plantas aprendi a cavar:
fragmentei a aridez do estranhamento,
a noite do preconceito,
o esgoto da repulsa,
o deserto do desdém
e as chamas do ódio.
(Jesus, 2021, p. 22).

Assim, o POSLIT, por meio da linha Representação na Literatura Contemporânea, possibilitou meu habitar trans na pós-graduação ao me permitir articular o debate acerca da representação no campo da produção literária de autoria transvestigênera e da representatividade, marcada pela presença de meu corpo em seus espaços. bell hooks, por sua vez, alerta para a ligação entre dominação e representação, visto que é através dela que damos sentido aos constructos sociais que formatam o que chamamos de real ao mesmo tempo em que lança as pessoas transvestigêneras para o lugar da outridade a partir do olhar da cisheteronormatividade compulsória que organiza o sistema mundo moderno-colonial. Por isso, durante muito tempo, a compreensão de que não podíamos controlar nossas imagens, como nos víamos ou como éramos vistas gerava e ainda gera uma dor intensa que nos estraçalha. “Isso destrói e arreventa as costuras de nossos esforços de construir o ser e de nos reconhecer” (hooks, 2019, p. 35). Desse modo, o campo das representações emerge como lugar de luta ao trazer à tona o problema no que diz respeito ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais.

Nesse sentido, afirma Regina Dalcastagnè, “quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é afinal esse outro, que po-

sição lhe é reservada na sociedade e o que seu silêncio esconde” (Dalcastagnè, 2012, p. 17). Por isso, os grupos marginalizados tornam-se cada vez mais cômicos das questões que envolvem quem fala e em nome de quem. Além disso, esse processo também é uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, subverter e modificar nossas visões de mundo. No entanto, não basta apenas alterar as imagens, é preciso alterar paradigmas, mudar perspectivas e modos de ver, pois do contrário não haverá transformação. Se concebemos a representação literária como um processo político, ela também permite criar uma cosmopercepção questionadora, uma consciência, uma identidade, um ponto de vista que problematize os sentidos já estabelecidos.

minha boca
anuncia a minha
existência
a cada palavra

passei a gostar de falar
mesmo sabendo que
alguém que intervém
de modo tão radical
sobre a própria corporeidade
incomoda muita gente

mesmo assim
passei a gostar de falar
falar como quem elabora ficções
falar como quem projeta futuros
falar como quem se permite sonhar
falar como quem sabe de si

falar também sobre a violência
e sobre a dificuldade de trabalho
do acesso, da saúde
e mais ainda sobre o feitiço que
lancei sobre mim
de insistir
apesar de

eu falei
de cada vírgula
de cada degrau
de cada queda
de cada conquista
de cada corte nas costas, no peito, na glote
de cada tapa no ombro e na cara

eu falei
ponto por ponto
de tudo que cabe e que transborda
de tudo que flutua e faz afundar

e mesmo que insistam
em chegar
os olhos curiosos
as mentes confusas,
os justiceiros em conjunto
eu não falei
que não
havia
futuro.

(Rodrigues, 2025, prelo).

Graças à linha de representação pude pensar a transescrita (Santos, 2023), um conceito-chave para compreender a produção literária de autoria transvestigênera na contemporaneidade. A representação torna-se um ato criativo não só porque conecta sentido e linguagem à cultura; mas também porque promove processos de desvelamento do mundo ao dar materialidade à cosmopercepção dos sujeitos sobre si e sobre o universo social em que estão inseridos através da linguagem. Por isso, afirma hooks (2019), é evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações de sujeitos transvestigêneres na literatura. Daí a necessidade de erguer a voz, tornar-se sujeito da própria narrativa para que se possa escapar da estratégia colonial de encerrar as dissidências como um outro, visto apenas da perspectiva do homem branco, heterossexual, moderno/colonial, de classe média alta, capacitista e cisgênero.

Assim, a literatura transvestigênera parte da consciência de que a literatura é um território de intervenção política e, ao ser responsável pela própria representação, as pessoas transvestigêneres geram um espaço no qual suas vivências elaboram novas histórias, rejeitando a história única a que, durante muito tempo, foram relegadas (Santos, 2023). Como consequência, transformam não só as imagens, mas também constroem novas epistemologias. Desse modo, é fundamental destacar como mulheres e homens trans, pessoas trans não-binárias e travestis vêm usando a literatura para contar suas narrativas, seja a partir da poesia; seja através das narrativas do eu ou de outras experimentações estéticas, dos gêneros literários e da linguagem que vêm crescendo no cenário da literatura brasileira contemporânea. Ao contarem suas histórias, ao narrarem o mundo que veem e vivem, tornam-se, portanto, vozes orquestradas para a resistência e para a mudança, ao mesmo tempo em que se provoca uma reflexão mais profunda sobre as interfaces entre literatura e política.

Juntas, na quebra, as corpos transvestigêneres transformam o estilhaçamento de suas existências pelo mundo moderno-colonial cisheteropatriarcal em criação artística que resiste ao aniquila-

mento. Eis o conjuro realizado por essa literatura que, ao construir uma estética e uma ética encarnada, revela-se e esconde-se em um movimento de vai-e-volta – revelar, ocultar, revelar, ocultar – que se realiza na penumbra e desvela modos outros de sentir, perceber, lembrar, imaginar, criar, existir. Resistir, então, é criar possibilidades outras, é liberar a vida onde ela está aprisionada, é produzir alternativas, linhas de fuga, experimentações. A transescrita é, pois, uma tecnologia de produção de infinitos.

Sendo assim, ao articular uma poética transvestigênera a partir do encantramento do mundo, referi-me a uma transescrita que também emerge como máquina de expressão subjetiva que articula forma e conteúdo por meio da qual se constroem lugares de vida. Destarte, pensamos a poética como modos de fazer, estratégias de criação, ou, como defende Lucas Dilacerda (2022), um salto no abismo. Um não entender com o qual nos relacionamos mesmo assim. Uma poética da relação com aquilo que não entendemos na opacidade. Uma poética como artifício para lidar com o insondável, para dar dizibilidade e visibilidade a mundos outros possíveis. Se a imaginação é um território em disputa, as corpos transvestigêneres reivindicam o direito de ocupá-lo.

E foi assim que me tornei doutora, com a caneta-gilete descendente das giletes de minhas transancestrais... tornei-me doutora naquelas que morreram para que eu (re) nascesse e estivesse viva... tornei-me doutora apesar de um diagnóstico que me desautoriza como sujeito de conhecimento... tornei-me doutora apesar das necropolíticas de um país líder em transfeminicídio. Por fim, habitar o POSLIT por meio de sua linha de representação e gritar sou uma doutora-travesti é, parafraseando Maria Lucas (2020), arrancar um grito das que vieram antes para no hoje, construir possibilidades outras para as travas do amanhã...

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DILACERDA, Lucas. **Pensamento alienígena: a fabulação de novos mundos possíveis**. Fortaleza: Raiz Imaginária, 2022.

FERREIRA, Luna Souto. **Mem(orais) poéticas de uma byxatravesty preta de cortes**. Bragança Paulista, SP: Urutau, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Como eu não dancei. **ABEBE: Caixa Pretas, série Pandemia**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LEAL, Abigail Campos. Me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. In: PELBART, Peter Pal; FERNANDES, Ricardo Muniz (org.). **Pandemia Crítica outono de 2020**. São Paulo: SESC; n-1 edições, 2021. p. 303-308.

LUCAS, Maria. Próteses de proteção. **Serrote**, São Paulo, n. 35-36, p. 5-15, nov. 2020.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RODRIGUES, Esteban. **Eu não falei que não havia futuro**. São Paulo: M.inimalismos, 2025.

SALU, Diana. **Profecia**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

SANTOS, Manuela Rodrigues. **Da corpa-política ao corpo-texto: transescritura, existência e resistência na narrativa transvestigênera brasileira contemporânea**. 2023. 254p. Tese (Doutorado em Literatura) – Poslit, Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/47561> Acesso em: 17 set. 2025.